

ANDRESSA RODRIGUES CAMARGOS DA SILVA



**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CENTRO MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO INFANTIL VEREADOR DANIEL BORGES**

Governador Valadares

2013

ANDRESSA RODRIGUES CAMARGOS DA SILVA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CENTRO MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO INFANTIL VEREADOR DANIEL BORGES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Leonardo Alvares Vidigal

Governador Valadares

2013

Silva, Andressa Rodrigues Camargos da, 1979

O Ensino de Artes Visuais no Centro Municipal de Educação Infantil Vereador Daniel Borges: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Andressa Rodrigues Camargos da Silva. – 2013.
47 f.

Orientador(a): Leonardo Alvares Vidigal

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Vidigal, Leonardo Alvares. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

ANDRESSA RODRIGUES CAMARGOS DA SILVA

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CENTRO MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO INFANTIL VEREADOR DANIEL BORGES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes visuais.

Orientador: Leonardo Alvares Vidigal

Leonardo Alvares Vidigal - Orientador

Arttur Ricardo de Araújo Espíndola

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Governador Valadares
2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por mais esta etapa da vida vencida e aos meus pais pelo incentivo amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram envolvidos em meu processo de aprendizagem. Em especial aos tutores e professores que me possibilitaram agregar novos conhecimentos me auxiliando nesta constante busca do saber e que por muitas vezes me socorreram; Ao orientador Leonardo Alvares Vidigal que me possibilitou ampliar meus horizontes e as educadoras e crianças do CEMEI Vereador Daniel Borges – Núcleo Ana Neri por suas colaborações.

“A mente que se abre a uma nova idéia
jamais voltará ao seu tamanho original”.

(Albert Einstein)

RESUMO

Este trabalho desenvolve uma pesquisa interdisciplinar entre a Pedagogia e as Artes Visuais, evidenciando o ensino de Arte Visual na Educação Infantil. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema e de uma pesquisa de campo, como, entrevistas realizadas com educadores, observação participante onde há a aproximação do pesquisador ao grupo social em estudo. Nesse tipo de pesquisa a objetividade na coleta de dados fica assegurada, pois foi realizada com a participação de seus membros enquanto protagonistas. Os dados observados foram registrados em ata, através de fotos e/ou filmagens, entrevistas e análises de documentos, de caráter qualitativo, durante os meses de agosto a setembro de 2013 no Centro Municipal de Educação Infantil Vereador Daniel Borges – Núcleo Ana Neri. A pesquisa se desenvolveu na tentativa de descobrir a forma como as aulas de Artes Visuais, quando teoria e prática estão mais vinculadas, tornam-se mais prazerosas e lúdicas para as crianças. As informações coletadas foram analisadas à luz das teorias de autores contemporâneos de Artes Visuais, Educação e legislação vigente e indicações curriculares para o ensino de Arte no Estado de Minas Gerais. A partir do confronto com dados coletados no campo, constatou-se que o modelo pragmático, nesta pesquisa, foi substituído por outro em que o aluno, a todo o momento, motivou-se a desafios – respeitando, no entanto, suas peculiaridades, sua faixa etária e seu nível de desenvolvimento. A Abordagem Triangular (ver, fazer e contextualizar), proposta por Ana Mae Barbosa, foi aqui essencial. O apreciar promoveu o diálogo da criança com sua própria produção e com a dos outros. O fazer proporcionou a autonomia infantil na produção de suas obras. E a contextualização favoreceu o conhecimento da História da Arte, do objeto estudado. Destaca-se a necessidade de investimento na formação continuada dos professores.

Palavras Chaves: Abordagem Triangular. Artes Visuais. Ensino de Arte. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper develops an interdisciplinary research between Pedagogy and the Visual Arts, emphasizing the teaching of Visual Arts in Early Childhood Education. This is a literature review on the subject and a field survey, those performed interviews with educators, participant observation where there is the approach of the researcher to the social group under study. In this type of research objectivity in data collection is assured because it was held with the participation of its members as protagonists. The observed data were recorded in the minutes, through pictures and / or footage, interviews and document analysis, qualitative, during the months from August to September 2013 at the Municipal Center for Early Education Councilman Daniel Borges - Core Ana Neri. The research was developed in an attempt to discover how the lessons of Visual Arts, where theory and practice are more linked, they become more enjoyable and entertaining for children. The data were analyzed according to the theories of contemporary authors of Visual Arts, Education and legislation and curriculum directions for teaching art in the state of Minas Gerais. From the comparison with data collected in the field, it was found that the pragmatic model, this research was replaced by another in which the student, all the time, led to challenges - Respecting, however, their peculiarities, their age and their level of development. The triangular approach (see, do and contextualize), proposed by Ana Mae Barbosa, was essential here. The dialogue promoted assess the child with his own production and that of others. The child autonomy afforded to the production of their works. And the context favored the knowledge of Art history, the object studied. Highlights the need for continued investment in teacher training.

Key Words: Triangular Approach. Visual Arts. Art Education. Early Childhood Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – criança pintando obra baseada na “Figura de uma galinha” de Joan Miró	41
Figura 2 e 3 – criança finalizando a pintura baseada na obra “Figura de uma galinha” de Joan Miró.	41
Figura 4 - criança demonstrando a pintura baseada na obra “Figura de uma galinha” de Joan Miró.	42
Figura 5 e 6 – criança realizando uma pintura baseado na obra de Joan Miró “ <i>Daybreak</i> ”.....	42
Figura 7 – criança realizando uma pintura baseado na obra de Joan Miró “ <i>Daybreak</i> ”.....	43
Figura 08 e 09 – criança finalizando obra baseada na obra de Joan Miró “ <i>Daybreak</i> ”	43
Figura 10 – criança realizando pintura baseada na obra de Joan Miró “ <i>The Dancer</i> ” (a dançarina e/ou a bailarina).	44
Figura 11 – criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “ <i>The Dancer</i> ” (a dançarina e/ou a bailarina).	44
Figura 12 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “ <i>Personaje delante del sol</i> ” (figura na frente do sol).....	45
Figura 13 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “ <i>Sonnens</i> ”.	45
Figura 14 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “ <i>Mujer ante el sol</i> ” (mulher perante o sol).....	45
Figura 15 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “ <i>Autorretrato</i> ”.	45
Figura 16 – desfile realizado no dia 03 de setembro de 2013 em comemoração a Independência do Brasil e culminância do projeto	46
Figura 17 – desfile com crianças da turma do 5 anos D expondo as obras pintadas para a comunidade.	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ARTE E EDUCAÇÃO INFANTIL: um diálogo possível.....	16
2 CEMEI VEREADOR DANIEL BORGES: UM COMEÇO DE CONVERSA	22
3 PRÁTICA DO ENSINO DE ARTE VISUAL NO CEMEI VEREADOR DANIEL BORGES	28
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS	42

Introdução

A Arte Visual está presente no cotidiano, podendo ser apreciadas através de pinturas, de fotografias, de TV (audiovisual), de paisagismo, de desenho, de gravuras, de *outdoor*, dentre outros.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) considera a Arte enquanto forma de representação simbólica do mundo. E, nessa tentativa de reprodução, ela se torna linguagem, pois “fala” por si mesma, sobre si mesma e sobre o mundo, o homem e a sociedade.

Tal como a música, as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL, 1998, p. 85)

As palavras do RCNEI (1998) trazem um interessante cenário para o qual se desdobram a Arte: a escola. Ensinar o universo artístico em sala de aula é um desafio na contemporaneidade, principalmente, porque o que parece apenas um conteúdo lúdico necessita também ser/estar embasado em uma teoria. Assim como as outras ciências, a Arte também têm um fundamento científico.

A disciplina de Arte tem sua obrigatoriedade assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9394/96, que também promove o fortalecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e dos Conteúdos Básicos Comuns (CBC). Esses manuais estabelecem os conhecimentos, as habilidades e as competências a serem adquiridos pelos alunos na Educação Básica, bem como as metas a serem alcançadas pelos docentes a cada ano. No caso da disciplina de Artes Visuais, o professor é auxiliado quanto aos métodos e aos conteúdos que podem ser utilizados para inserir as crianças no mundo das representações artísticas.

Considera-se que a Arte Visual está presente na vida do homem desde o período da Pré-História, quando se pintava nas paredes das cavernas para reproduzir o cotidiano. Segundo Efland (1998), essa manifestação, além de garantir

vivacidade aos acontecimentos ao longo dos tempos, possibilita o desenvolvimento global da mente, sendo um aspecto importante da cognição e da aprendizagem, pois ajuda as pessoas a construírem um significado cultural perante a sociedade.

A educação, através das Artes Visuais, constitui um fator importante para o desenvolvimento infantil. Dessa maneira, a criança se apropria de diversas situações, que ampliam sua leitura e sua compreensão sobre si mesma, sobre a realidade à volta e sobre as relações estabelecidas entre as pessoas, construindo sua identidade.

De acordo com o RCNEI, presente em Brasil (1998):

A criança tem suas próprias impressões, ideias e interpretação sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. (BRASIL, 1998, p.89).

No caso da Educação Infantil, o ensino de Arte Visual possibilita o desenvolvimento cognitivo, emocional e perceptivo da criança, ampliando suas habilidades e sua capacidade de lidar com vários eventos. Ao trabalhar, por exemplo, com desenho, pintura de objetos e modelagem e, ao usar diversos tipos de materiais, como massinhas, argilas, papel, a criança exprime suas experiências, seus desejos e suas emoções. Isto é, o meio artístico permite que se represente a forma como o mundo é visto, sentido e experienciado.

Na atualidade, o ensino de Arte Visual para a Educação Infantil, ainda possui vestígios de um ensino extremamente pragmático, tecnicista e de “resultados”. Nesse modelo, há uma concepção de ensino em que as crianças ou vivenciam momentos de livre criação ou são solicitadas a criarem, espontaneamente – sem desafios que mobilizem seus processos expressivos. As atividades, portanto, são destituídas de significados – uma vez que faltam objetivos específicos e determinados para a proposta.

Essa concepção pragmática intenciona desenvolver habilidades motoras e destrezas para a escrita, bem como faz a utilização do desenho para fixar a grafia de letras e de números. De acordo com o RCNEI (1998):

As Artes Visuais têm sido também, bastante utilizadas como reforço para a aprendizagem dos mais variados conteúdos. São comuns as práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números. (BRASIL, 1998, p. 87)

Fala-se, nesse sentido, de descompasso entre teoria e prática pedagógica, com a tendência de um ensino de Artes Visuais pautado na construção de lembranças para datas comemorativas e que, em sua maioria, apresenta mais a produção dos professores do que das próprias crianças. Destaca-se, ainda, a falta de formação adequada e continuada do docente para a disciplina, o que deixam falhas no ensino e na mediação do processo de aprendizagem.

É pensando nesse contexto e no contexto como vem sendo estabelecido o ensino da disciplina Arte na Educação Infantil – o qual, por diversas vezes, se mostra pragmático, tecnicista e distanciado de uma teoria científica – que surgiu a intenção de se desenvolver esta pesquisa. Minha experiência como pedagoga no CEMEI Vereador Daniel Borges, localizado no município de Governador Valadares, Minas Gerais, foi decisiva para esta escolha, uma vez que ela permite uma reflexão diária sobre o processo ensino-aprendizagem em sala de aula.

O que se nota, comumente, e nesse caso, é que o ensino de Artes Visuais desmotiva as crianças, devido às aulas descontextualizadas e sem objetivos específicos marcados para as atividades. Isso se justifica pela falta de uma proposta pedagógica que abarque a disciplina enquanto algo individual, tão necessário em valores e em conhecimentos quanto às outras disciplinas, como Matemática e Língua Portuguesa. Torna-se importante frisar que tal acontecimento não é fato isolado, próprio do CEMEI Vereador Daniel Borges. Isto é, ele pode se mostrar naturalizado em muitas instituições e por muitos profissionais da educação, que utilizam a disciplina como um suporte para desenvolver a grafia da criança ou, simplesmente, como aula de distração – quando se propõe, por exemplo, o desenho livre, feito à escolha do aluno; descontextualizado.

A primeira hipótese é de que o ensino de Artes Visuais poderia ser mais significativo, em resultados, se as aulas fossem embasadas em teorias específicas dessa disciplina; contextualizadas, objetivas, lúdicas e tendo o professor como mediador a todo instante. A intenção seria abarcar atividades variadas, usando materiais e técnicas diversas, o que sairia das aulas comuns de desenho livre e permitiria o contato com diferentes culturas.

Outra hipótese é a de que, em alguns casos, os docentes das aulas de Artes Visuais nunca tiveram formação específica sobre a disciplina, tampouco orientação científica para lidar com as atividades. Logo, por desconhecem a teoria, não têm possibilidade de aplicá-la na prática. Isso será trabalhado através de observação das aulas de Artes Visuais no CEMEI Vereador Daniel Borges.

A intenção é que o modelo pragmático seja superado e substituído por outro em que o aluno, a todo o momento, motive-se a desafios – respeitando, no entanto, suas peculiaridades, sua faixa etária e seu nível de desenvolvimento. Nesse plano, acredita-se que ele poderá perceber seu potencial, suas habilidades e sua capacidade de compreender a realidade interna e externa a si. Portanto, não é só contendo a Arte no currículo das instituições de Educação Infantil que a construção do conhecimento acontece, pois, faz-se necessária uma preocupação da forma como a disciplina é concebida e ensinada.

Os objetivos desta pesquisa tratam de desnudar a forma como se processa o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil e a maneira através da qual as crianças lidam com o aprendizado, com o fazer artístico, com a fruição e com a reflexão. Tudo para perceber se a Arte e a cultura cumprem com seu papel de instrumento agregador necessário e eficaz a um processo de desenvolvimento global do indivíduo.

Esta pesquisa é composta de quatro capítulos, evidenciando tanto uma revisão de literatura quanto um estudo de caso, em que o CEMEI Vereador Daniel Borges se coloca como objeto de análise. O primeiro capítulo é descritivo e enfoca um diálogo entre a categoria “Arte” e “Educação Infantil” no ensino brasileiro. O segundo capítulo também trabalha com descrições e demonstra a metodologia escolhida para a aplicação do estudo de caso e a descrição da escola pesquisada. Já o terceiro capítulo é analítico, demonstrando os resultados obtidos a partir do estudo de caso desenvolvido no CEMEI Vereador Daniel Borges. Por fim, as

considerações finais, sendo embasada nos documentos vigentes e nos referenciais teóricos sobre o ensino de Artes Visuais.

Vale destacar que esta pesquisa não pretende esgotar a discussão sobre o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, mas, evidenciar as metodologias de trabalho propostas, a fim de conscientizar sobre a importância de se fomentar discussões. Para tanto, a problemática vai ser analisada à luz das teorias de autores contemporâneos, em especial, de Ana Mae Barbosa, que enfoca o ensino de Arte na Educação Infantil a partir da perspectiva da Abordagem Triangular.

1. Arte e Educação Infantil: um diálogo possível

Este trabalho desenvolve uma pesquisa interdisciplinar entre a Pedagogia e as Artes Visuais, evidenciando o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema e de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, na tentativa de descobrir a forma como as aulas de Artes Visuais são ministradas e como os alunos lidam com o fazer artístico, levando-se em consideração a realidade do ensino atual: de prática desvinculada de teoria e de utilização da disciplina como apenas um suporte de demais outras.

No contexto pedagógico, esta pesquisa trabalha com a ideia de que o ensino de Artes Visuais deve receber a autonomia garantida pela LDB¹ 9394/96, sendo embasada pelos PCN's específicos da disciplina.

Ao se fazer uma retrospectiva sobre o ensino, percebe-se que, já nas décadas de 1950 e de 1960, a Pedagogia Nova contrapôs a Educação Tradicional, passando a valorizar a livre expressão do aluno e o seu processo de trabalho.

John Dewey, Victor Lowenfeld e Herbert Read, que segundo os PCNs" de Arte (1988) são estudiosos, que acreditavam na ideia de que a potencialidade criadora humana se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos, desde que fossem oferecidas condições adequadas para se expressar livremente. Isso significava permissividade e liberdade, princípios que levaram os professores a se tornarem muito passivos, deixando de interferir nas criações dos alunos.

Como em todos os momentos históricos, os anos 60 trouxeram práticas em educação, psicologia e arte estreitamente vinculadas às tendências do pensamento da época, que progressivamente contribuíram para uma transformação das práticas educativas de arte no mundo, questionando a aprendizagem artística como consequência natural apenas do processo de desenvolvimento do aluno. (BRASIL, 1988, p. 22)

¹ Para a LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996, o ensino de Arte se torna obrigatório na educação básica. De acordo com seu artigo 26, § 2º, comprova-se: "o ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos".

Na década de 1970, por sua vez, esse modelo foi criticado, passando-se a acreditar que a aprendizagem de Arte não ocorria automaticamente, de acordo com o desenvolvimento da criança. Ao contrário, seria necessária a mediação do professor e a interação, visando trocas artísticas.

No final do século XX e início do século XXI, surgiram os PCN's, manuais de grande relevância ao ensino em sala de aula, pois, além de auxiliarem os professores quanto ao planejamento didático, também valorizam a Arte na formação e no desenvolvimento do ser humano, propondo uma educação artística voltada para a contextualização histórica, para o fazer artístico e para o apreciar. Foi nesse ponto, que o ensino da Arte conquistou espaço nos currículos escolares.

Apesar da autonomia adquirida pela disciplina de Arte em sala de aula, através do PCN, não deixaram de existir equívocos quanto à sua obrigatoriedade de ensino. Um deles foi o de que a disciplina, em muitos casos, ainda continuou sendo desprestigiada, tendo sua utilização apenas como meio de estudo de outras áreas ou só com fins "decorativos". É o que ratifica Gouthier (2009), quando expõe que a Arte é usada para o ensino de desenho geométrico, e interpretada, na maioria das vezes, como uma ilustração do conteúdo estudado. Assim, ela se mostra presente, enquanto disciplina, mas é esvaziada de possibilidades e de conteúdo próprio, funcionando a favor de outras áreas do conhecimento.

Embora convivendo em meio a equívocos, a Arte, no ensino contemporâneo, nas instituições de Educação Infantil, têm o fim maior de servir de instrumento para aguçar o desenvolvimento individual de cada criança e para favorecer a ação espontânea, além de facilitar a livre expressão e de permitir a comunicação, contribuindo à formação intelectual. Inclusive, esses objetivos são defendidos nesta pesquisa, conforme bem demonstra e defende Barbosa (2010):

Através da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada." (BARBOSA, 2010, p. 2)

Em conformidade com Barbosa (2010), a partir do ensino de Arte, em sala de aula, as crianças estabelecem interações com as pessoas e com o meio em que

vivem, sendo capazes de construir seu conhecimento e de ampliar suas hipóteses/inferências sobre o mundo, sobre si mesmas e sobre o fazer artístico. Nessa perspectiva, acredita-se, aqui, que a Arte Visual deve ser uma atividade prazerosa, que aguça na criança a criatividade e a imaginação, através das atividades lúdicas, as quais ampliem as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais e criadoras.

A criança, quando em contato com a Abordagem Triangular (o conhecer, o fazer e o fruir Arte) estabelece uma relação com o mundo que o cerca, consigo mesma e com a própria Arte.

Segundo os Conteúdos Básicos Comuns (BRASIL, 2006, p. 33), dentre as áreas de conhecimento que contribuem para iniciar o pensamento, a Arte ocupa um lugar de destaque. Nela, o “estudo-ação está sempre presente, pela própria obrigatoriedade da especulação constante, pois tanto o artista quanto o estudioso ou o fruidor lançam mão do pensamento para executar ou analisar a obra de arte”.

Um ponto interessante de discussão nesta pesquisa é o que diz respeito ao uso de teorias das Artes Visuais nas aulas práticas. O que se tem notado, em algumas instituições, é o ensino consensual e naturalizado de que a disciplina requer menor importância que outras, como por exemplo, Matemática e Língua Portuguesa, e, justamente devido a isso, muitos docentes deixam de ter uma prática embasada em uma teoria, enfocando atividades que privilegiam o livre fazer descontextualizado e sem objetivos marcados.

Mediante essa problemática, recorre-se a Didonet (2001), que trabalha a concepção da infância e faz o histórico da Educação Infantil no Brasil.

Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que falar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou da sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida. (DIDONET, 2001, p.11)

Ao longo dos anos, a concepção de infância sofreu mudanças, sendo consequência das práticas sociais. Por sua vez, tais concepções influenciaram as práticas pedagógicas, que vigoravam nas instituições de Educação Infantil. Anteriormente, a criança era vista como um “pequeno adulto”, incapaz de

compreender o meio que a cercava. Era tratada como um indivíduo de negação das coisas do adulto; dependente; e que necessitava de carinho. Além disso, seu desenvolvimento se mostrava uma expressão temporal de capacidades inatas, um resultado contextual, o qual molda, determina e condiciona. Essa concepção gerou diversos olhares sobre os processos educativos nas instituições de educação infantil, como formas de atendimento assistencialista, paternalistas e caritativas, no qual a educação se voltava apenas para “o cuidar”.

Atualmente, a definição de criança supera o modelo de “ser dependente”. E, utilizada nas instituições de ensino, é tomada como:

[...] um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21)

Nas palavras do RCNEI (1988), nota-se que a infância é uma fase da vida distinta das outras, tendo importância e significado em si mesma. Assim, as crianças são consideradas capazes; com forças e habilidades próprias da idade. Logo, a infância participa, influi, molda o ambiente e determina o comportamento dos adultos.

A proposta pedagógica para a Educação Infantil deve contemplar o cuidar e o educar, ambos advindos da concepção de criança como sujeito histórico, de direito, pensante e produtor de cultura. Além disso, deve se voltar a um trabalho que priorize o desenvolvimento integral do sujeito, atendendo suas necessidades específicas e sua autonomia moral e intelectual. Tudo através de práticas desprovidas de preconceitos e de coerção.

Nesse contexto, a prática pedagógica no ensino de Artes Visuais deve respeitar as peculiaridades infantis, tais como, a faixa etária e o nível de desenvolvimento, possibilitando-lhe a integralidade.

De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 89), a aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, dá-se por meio da articulação dos seguintes aspectos:

- fazer artístico — centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
- apreciação — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;
- reflexão — considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas.

O “fazer artístico”, a “apreciação” e a “reflexão” trazem a tona a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, que apresenta uma nova concepção ao criar a conexão entre três ações básicas: análise da obra de arte, contexto histórico e trabalho prático. A Abordagem Triangular consiste de três ações denominadas: “fazer”, “apreciar” e “contextualizar” – não existindo uma sequência de aplicação ou uma escala de importância, e não possuindo uma receita para aplicação das mesmas. A contextualização histórica tem a ver com o conhecer a contextualização histórica da obra de arte; o fazer artístico diz respeito ao modo de se construir arte; e a apreciação artística enfoca o saber ler uma obra de arte.

Este trabalho se embasa na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, uma vez que a problemática colocada em estudo permite repensar uma nova prática de ensino, mesmo hipotética, em que o “ver”, o “fazer” e o “contextualizar” possam ser valorados. Acredita-se, dessa maneira, que a forma de se ministrar uma aula na Educação Infantil influencia a forma através da qual a criança lida com o universo de Arte.

A Abordagem Triangular, em suas três ações, permite uma análise mais profunda dos trabalhos, pois, ao apresentar um artista, uma obra de arte ou um objeto de estudo para as crianças, o professor sistematiza o conhecimento que deve ser adquirido pelo indivíduo enquanto fruidor e transformador do meio.

O desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão

ocorrer no fazer artístico, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação. (BRASIL, 1998, p.89)

Atualmente, a proposta para o ensino de Artes Visuais deve se fundamentar na formação de sujeitos críticos e participativos, possibilitando ao indivíduo a interpretação e a contextualização das imagens, a ampliação de seu conhecimento e a transformação de sua realidade. Em conformidade com o RCNEI (1998, p. 15):

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social, onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas e, ao mesmo tempo, seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmos, dos outros e do meio em que vivem.

Portanto, o ensino de Artes Visuais, na Educação Infantil, possibilita à criança a expressão de seus sentimentos, de suas emoções, de seus medos e de suas frustrações, o que amplia o conhecimento de si própria, de suas habilidades e de sua capacidade de respeitar a produção dos seus pares e a diversidade cultural.

2. CEMEI Vereador Daniel Borges: Um começo de conversa

O CEMEI Vereador Daniel Borges surgiu através de votação e do orçamento participativo do bairro Jardim Ipê, como realização das necessidades da comunidade. Atualmente, ele atende 530 crianças, todas em tempo integral (carga de dez horas diárias), em uma sede e em quatro extensões, assim distribuídas: 180 crianças na sede; 87 crianças na extensão I localizada à Rua Pau Brasil no Bairro Jardim Ipê; 57 crianças na extensão II, localizada à Rua Anafesto Pandine, no Bairro Vila Isa. Conta também com o atendimento de mais 100 crianças na conveniada I: Creche Amor e Perseverança; e de mais 100 crianças, atendidas na conveniada II: Núcleo assistencial Francisco de Assis. E ainda na conveniada III: Centro Social Ana Neri, com 62 crianças.

Esta pesquisa foi realizada na conveniada III, Núcleo Ana Neri, que se localiza na Rua Topázio, 72, no Bairro Jardim Ipê. A instituição possui três turmas, sendo duas delas com atendimento a crianças de cinco e de seis anos de idade, e uma, que atende crianças de quatro e de cinco anos de idade.

No prédio Ana Neri, há: três salas; um pátio; três banheiros (feminino, masculino e para funcionários); uma cozinha; uma área de serviço; e um escovódromo. Como objetos de facilitação do ensino, existem: dois computadores; duas impressoras; um microsistema; uma televisão; e um aparelho de DVD.

O CEMEI Vereador Daniel Borges – Conveniada Núcleo Ana Neri colocou em prática uma proposta de trabalho, que implementou espaços educacionais desafiadores e acolhedores, chamados “Espaços que encantam na Educação Infantil”. Eles estão organizados de forma a estimular e a desafiar as crianças, através do prazer e da alegria de construir suas concepções, por meio do brincar, como manifestação de uma cultura própria da infância, sem perder de vista a intencionalidade educativa e a formação integral, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e linguístico, contemplando a ação da família e da comunidade, conforme o artigo 29 da LDB.

Cada espaço da instituição foi planejado com o intuito de contribuir para uma Educação Infantil de qualidade, pois confere à criança o direito de tornar-se protagonista do seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem. Assim,

consideram-se os discentes como um grupo etário próprio, com características identitárias distintas e com necessidades e direitos.

Através da proposta pedagógica em que as salas de atividades são substituídas por “Espaços que encantam na Educação Infantil”, dividem-se:

- “Espaço Fantasia e Imaginação”: trabalha as representações dos sentimentos, dos desejos e das ideias, a partir de diversas situações e de diversas linguagens. Nesse espaço, o real e o imaginário (faz de conta) têm a mesma valoração;
- “Espaço Jogos e Construção”: Assistir e participar de atos e ações matematizadoras (quantidades e relações). Conhecimento matemático (números, seriação, quantidade, espaço, classificação, tempo, causalidade, etc.);
- “Espaço Estimulação e Repouso”: explora a utilização progressiva do movimento nas situações cotidianas; percepção de estruturação rítmicas, sensações, limites e potencialidades e o repouso do corpo através de variados espaços e materiais;
- “Espaço Varanda das Artes”: promove o contato da criança com a criação dos desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir do seu próprio repertório e de observações de cenas, objetos, pessoas. Além disso, estimula o contato com materiais e com ferramentas diversas, visando à expressão mais adequada da criança;
- “Espaço Tanque de areia”: promove a interação social com os pares, a relação com o meio e ação sobre o mesmo, possibilitando o contato da criança com a areia e com líquidos, estimulando a brincadeira ao ar livre e o uso de diversos brinquedos, como baldes e potes;
- “Espaço Imagens em movimento”: direcionado para a apreciação da leitura das imagens e para a fala das crianças, buscando desenvolver a concentração;
- “Espaço Refeitório”: torna o espaço do refeitório um lugar agradável de se estar e também um espaço de aprendizagem;
- “Espaço Viveiro/horta”: explora o conhecimento das características dos seres vivos, animados e inanimados e fenômenos da natureza;

- “Espaço Pátio/Parque”: proporciona o brincar livre, em espaço amplo, como forma de representação simbólica e cultural das crianças;
- “Espaço Banheiro”: estimula a autonomia da criança para adquirir hábitos de higiene;
- “Espaço Ateliê/oficina de escrita”: promove o desenho como representação, estruturação da comunicação (lógica). Identificar semelhanças e diferença nos objetos. Realização e exploração de experiências a partir de observações e curiosidades;
- “Espaço Era uma vez”: promove o contato com os diferentes gêneros textuais além de estimular o uso da linguagem oral para relato de experiências vividas e narração de fatos, reconto de histórias, poemas, canções e dramatização.

A organização dos espaços é concebida juntamente com as crianças, bem como a construção de regras para sua utilização por todos os que frequentam a instituição. O CEMEI cria espaços mais atraentes e desafiadores para as crianças, sem perder de vista a intencionalidade educativa de desenvolvimento integral das crianças, tornado-as sujeitos autônomos.

É interessante destacar que a estruturação dos espaços se faz de acordo com a demanda atendida pela instituição. Assim, sempre que o número de crianças aumenta, os espaços são reestruturados para melhor atendê-las.

A proposta de conteúdos curriculares da Educação Infantil no referido CEMEI foi norteadada por três eixos temáticos, a saber: “Identidade e Diversidade”, “Comunicação e Múltiplas Linguagens” e “Protagonismo e Sustentabilidade”.

- **“Identidade e Diversidade”**: Eixo que tem como objetivo a construção da identidade local, que contribuirá para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do município, de forma sustentável. O trabalho pedagógico deve pautar-se por brincadeiras e aprendizagens orientadas que possam contribuir com o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em atitudes de aceitação, respeito, confiança e também para o acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.
- **“Comunicação e Múltiplas Linguagens”**: Eixo que visa o processo de construção da Comunicação por meio das diversas formas de linguagens, propiciando à criança melhor integração com o meio e novas perspectivas para a melhoria da qualidade de vida. Cabe ao educador, por meio de suas sensibilidades, suas crenças,

escolhas, aprofundamentos teóricos e hipóteses, olhar a criança real e enxergar suas linguagens.

- **“Protagonismo e Sustentabilidade”**: Eixo que vai trabalhar as diversas formas de organização de um grupo. É fundamental o professor compreender a maneira como a criança se desenvolve e respeitar, portanto suas características, seu ritmo, suas possibilidades em cada tempo. Mais que isso, importa a crença do professor no potencial da criança e os investimentos que fará, através das intervenções oportunas e pedagogicamente adequadas para seu desenvolvimento. (SMED, 2009, caderno I, p. 31)

A organização dos conteúdos curriculares no CEMEI Vereador Daniel Borges tem a criança como foco, centrando na indissociabilidade do binômio “Cuidar e Educar” e contemplando: o brincar; o movimento; a arte; o conhecimento do meio; a afetividade e a socialização; e as múltiplas linguagens.

O brincar é visto como um constitutivo da infância; por isso, pode ser considerado manifestação de uma cultura própria da idade.

O movimento é a condição para o desenvolvimento e a qualidade de vida da criança pequena. Nele, incluem-se as atividades de: coordenação geral, grossa e fina; percepção; localização no espaço; deslocamentos; lateralidade.

Já a Arte pode ser entendida como a manifestação da criatividade e da inteligência e como produto da cultura infantil, contribuindo para o equilíbrio emocional da criança. Ela pode ser trabalhada por meio de atividades espontâneas, oportunizadas no cotidiano da instituição, de forma intencional e planejada, através de: desenhos, pinturas, modelagens, dobraduras, recortes, colagens, esculturas, montagens, confecção de brinquedos e objetos, etc.

O conhecimento do meio, por sua vez, diz respeito ao processo relacional da criança: sua família; os objetos; a cultura; os valores das pessoas; as regras que organizam o seu meio; a natureza; e o domínio da linguagem falada e escrita, partindo de fatos de sua vivência, dos seus usos sociais e das interações.

A afetividade e a socialização indicam que todo trabalho pedagógico se encontra, inevitavelmente, permeado pelas relações sociais e pelas relações afetivas (dedicação, carinho, paciência do adulto e manifestações da criança – criatividade, sensibilidade, gosto, prazer, curiosidade e motivação).

Por fim, as múltiplas linguagens abrangem as diferentes formas de comunicação criadas e usadas pelos homens e, sobretudo, pela criança, imersa na

cultura. Como exemplos, citam-se: desenho, cores, imitação, gestos, dança, sons, música, oralidade, escrita, literatura.

Diante da contextualização do CEMEI Vereador Daniel Borges, esta pesquisa irá pautar-se na observação de como se dá o processo do ensino de Artes Visuais na instituição. Inicialmente, a proposta será aplicar uma aula de pintura com as crianças da turma do 5 anos D da referida instituição e que possuem entre cinco e seis anos de idade.

A aula experimental de pintura, ministrada pela professora da instituição, irá convidar os alunos a participar e a interagir. O objetivo será averiguar, qualitativamente, se aulas de Artes Visuais, quando embasadas em teorias do conhecimento, Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, tornam-se mais lúdicas. Além disso, uma das intenções será perceber se novas técnicas e novos materiais, aliados à contextualização, promovem o processo ensino-aprendizagem a um patamar de prazer e de competências.

Vale ressaltar que a turma irá desenvolver seu trabalho de pintura, utilizando-se das obras de Joan Miró: *Personaje delante del sol* (figura na frente do sol), *Mujer ante el sol* (mulher perante o sol), *Sonnens, Daybreak* (o pássaro do dia), *The Dancer* (a dançarina e/ou a bailarina); Figura de uma galinha e Autorretrato.

Nesse ponto, destaca-se a importância da Abordagem Triangular, com a proposta das três ações, como uma parte indispensável do processo de cognição e de assimilação do conteúdo apresentado, pois, o fazer, associado à análise crítica e à contextualização, permite uma crítica ou uma leitura ressignificada da construção artística.

A metodologia de ensino da arte (...) integra a história da arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. Esta leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos, gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico. (BARBOSA, 2007, p. 37)

As professoras darão início à atividade, apresentando para as crianças o pintor e suas obras e o contexto de criação das obras pelos autores. Lembra-se,

nesse momento, que as obras não serão apresentadas todas de uma só vez, mas, gradativamente. Isso possibilitará a conexão da imagem com a história da arte, promovendo um posicionamento crítico para a fruição e o entendimento da mesma.

Após a apreciação das obras, as crianças conhecerão as técnicas utilizadas pelo pintor, dando início à releitura das imagens. Ao final dessa etapa, haverá apreciação e contextualização dos trabalhos produzidos por todos. Todo o processo terá a duração de quatro semanas, iniciando em 03 de agosto de 2013 e finalizando-se no dia 03 de setembro de 2013, com um desfile nas mediações da instituição, para apreciação de toda a comunidade.

A atividade prática oportunizará o contato da criança com as diferentes possibilidades de criação, além do contato infantil com o mundo das imagens, promovendo aprendizagens e novas descobertas em relação aos novos códigos visuais inseridos em sua realidade.

3. Prática do Ensino de Artes Visuais no CEMEI Vereador Daniel Borges

Este capítulo é dedicado à análise do ensino de Artes Visuais no CEMEI Vereador Daniel Borges – Conveniada Núcleo Ana Neri. Nesse processo, tentou-se perceber se as aulas de Artes Visuais são embasadas na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e se as crianças lidam com o fazer artístico, levando-se em consideração o cotidiano escolar de cada uma delas.

Vale destacar que as aulas observadas não tiveram interferência da pesquisadora enquanto docente ou monitora. Além disso, as crianças foram informadas anteriormente quanto ao desenvolvimento da pesquisa, o que deixou o ambiente mais confortável e descontraído.

Toda informação recolhida foi colocada em ata de pesquisa de campo, respeitando-se o sigilo de nomes da professora e dos alunos. Para análise dos dados, trabalha-se com imparcialidade e objetividade, comprometendo-se com o teor científico da pesquisa.

No primeiro dia, ao iniciar as atividades, a professora iniciou sua aula com as crianças colocadas em círculo, a fim de construir a rotina diária em conjunto. Primeiramente, os alunos foram indagados sobre o que é Arte. Como resposta, descobriu-se que o grupo enxerga a Arte como pintura de quadro. Essa informação representa nada mais que o senso comum; a visão da maioria da sociedade.

Através do questionamento, a professora abriu espaço para que as crianças pudessem se expressar. Essa conversa possibilitou a exploração do conhecimento prévio; e se mostrou um espaço para esclarecimentos e troca.

Após a discussão, a professora apresentou a proposta de trabalho, enfatizando que, durante o mês de agosto, os alunos construiriam obras de Arte para o desfile “Sete de Setembro”, utilizando a técnica de pintura. Nesse momento, destacaram-se alguns dizeres infantis como: “Eu gosto de pintar!”, “Lá em casa tem um quadro do meu irmão”, “O que nós vamos pintar?”. Com toda a turma envolvida e participativa, a professora aproveitou para expor o conceito de Arte e as diferentes formas de expressão artísticas existentes: Teatro, Dança, Música e as Artes Visuais.

No segundo dia, as crianças foram novamente colocadas em círculo. Elas foram alertadas de que teriam uma experiência com pintura no espaço escolar denominado “Varanda das Artes”, onde poderiam também manipular materiais

(tintas, em variados suportes, como papel, cartolina, papelão e caixas) e instrumentos (como pinceis, esponjas, escova de dente). Essa atividade possibilitou maior contato com as cores primárias, além de certa intimidade com os objetos utilizados para a pintura – fato que corrobora o posicionamento de Aroeira (1996), quando afirma que os materiais e os espaços, preparados, anteriormente, pelo professor, podem permitir a familiarização e o conhecimento da criança com os diferentes materiais de Arte e o contato com as diferentes texturas e cores.

Lembra-se, aqui, que os materiais utilizados no ensino de Artes Visuais na referida instituição, em alguns momentos, são materiais adaptados pelos professores – o que não é diferente das outras instituições de ensino no Brasil, nas quais, em sua maioria, faltam materiais adequados às aulas.

No terceiro dia, a professora contou para as crianças a história de Joan Miró, ratificando que se tratava de um pintor de quadros, famoso, nascido em Barcelona, em 1893, o qual utilizava as cores primárias (verde, amarelo, azul e vermelho) em suas representações. Ela colocou em destaque que as pinturas de Joan Miró se pareciam muito com os desenhos feitos por crianças.

Por meio de fotos, foi possível às crianças conhecerem outras obras de arte. Entre elas, destacaram-se: *Personaje delante del sol* (figura na frente do sol); *Mujer ante el sol* (mulher perante o sol); *Sonnens, Daybreak* (O pássaro do dia); *The Dancer* (A dançarina e/ou a bailarina); Figura de uma galinha; e Autorretrato. Nessa atividade, a professora permitiu, a princípio, a apreciação e a leitura crítica das imagens. Só depois, iniciaram-se os relatos da história de cada obra. Em atividades como essa, faz-se necessário que os professores apresentem para as crianças a história das obras de Arte; o contexto histórico-social em que elas foram construídas; os sentimentos que elas exprimem; e as técnicas utilizadas pelos artistas. Isso demonstra a visão de mundo do criador e a aproximação dele com o leitor. Segundo os CBC (2006, p.12), dentre as áreas de conhecimento que contribuem para iniciar o pensamento, a Arte ocupa um lugar de destaque, pois, nela, o “estudo-ação está sempre presente, pela própria obrigatoriedade da especulação constante, pois tanto o artista quanto o estudioso ou o fruidor lançam mão do pensamento para executar ou analisar a obra de arte.”

Já no quarto dia, com os alunos colocados em círculo, a professora mostrou, novamente, as imagens das obras. A proposta foi para cada criança escolher a obra de arte de que mais gostou para posteriormente realizar uma releitura.

Feito isso, a professora estimulou as crianças a relatarem o porquê de elas terem escolhido a obra; do que elas mais gostaram; como o artista conseguiu as cores; quais instrumentos e meios utilizados pelo pintor; o que elas acharam como sendo o mais difícil para se pintar; dentre outras perguntas. Nesse momento, por exemplo, vale citar a visão de um aluno, que disse: “é o meu retrato, Joan Miró me pintou” – em justificativa à escolha da obra Autorretrato. Além disso, pontua-se outra colocação infantil: “Eu vou pintar a galinha, porque eu gosto de bichos”.

Para as crianças que não souberam justificar a escolha da obra por elas, a professora disponibilizou atenção, resgatando a história de cada obra de arte. O objetivo foi proporcionar a todas as crianças um momento de apreciação significativo, ou seja, decodificação de imagens e desenvolvimento da percepção, reconhecendo a Arte como parte integrante da sociedade e importante para a história da humanidade.

No quinto dia, as crianças iniciaram a reprodução das obras, realizando uma releitura, dando início à segunda etapa da proposta. A “Varanda das Artes”, por ser um espaço destinado às produções artísticas, já estava preparado para o início dos trabalhos, tendo o professor somente de disponibilizar as tintas e a cartolina. Destaca-se que o desenho das obras foi feito anteriormente; sendo delimitado com barbante. A professora colocou à disposição das crianças diferentes cores de tintas primárias e secundárias.

Um dos destaques nessa atividade foi que, por possuir as imagens das obras de Joan Miró para consulta, a maior parte das crianças tentou uma reprodução, na íntegra, e não uma nova construção artística. Somente uma aluna ousou ao pintar, estabelecendo com a professora o diálogo a seguir:

- Professora eu posso trocar essas cores?

A professora logo respondeu:

- Pode sim, a obra agora é sua. Mas, porque você quer trocar?

E a aluna respondeu:

- Ele pintou errado! Aqui, onde é o amarelo, é vermelho que ele tinha de ter pintado. E onde tem vermelho, deve pintar de amarelo. Fica mais bonito assim!

Vale destacar que a criança também se preocupou com a técnica para pincelar a obra, perguntando à professora: “Tia, como vou fazer esse azul ficar assim? Como vou pintar?”. Sendo, logo, orientada pela docente.

A terceira etapa da proposta foi realizada no sexto dia de desenvolvimento das atividades, na qual os alunos realizaram a leitura crítica das obras construídas por eles mesmos, criando hipóteses sobre cada obra pintada por Joan Miró. Esse momento foi utilizado para a apreciação.

A aula se iniciou com a professora relatando uma curiosidade sobre Joan Miró: nas últimas obras pintadas pelo artista havia ausência das cores primárias, sendo predominantes as cores preta e branca. Mediante a informação, os alunos foram indagados do porquê desse acontecimento. Mas nenhuma resposta foi obtida, mesmo com o estímulo da professora em lançar hipóteses.

Diante das demais obras, como “*Sonnens*”, por exemplo, as crianças afirmaram que Joan Miró quis pintar um robô e um ET. Em relação ao “*Daybreak*” (O pássaro do dia), os alunos destacaram as cores primárias e uma cor secundária. Já na obra, “*Figura de uma galinha*”, o grupo descobriu que uma aluna pintou a imagem de sua atividade, utilizando cores diferentes da figura original de Joan Miró. Isso promoveu uma discussão e permitiu o consenso de que é interessante usar a imaginação na própria criação. Por fim, na análise da obra “*Autorretrato*”, uma criança afirmou que gostaria de conhecer um retrato do Joan Miró. Nesse instante, a professora se comprometeu de, na próxima aula, sanar a curiosidade infantil.

Essa atividade demonstrou o envolvimento das crianças em todo o processo, principalmente porque, ao responder as perguntas, percebia-se propriedade no dizer de todas elas.

Então, no dia 03 de setembro de 2013, foi realizada a quarta etapa do trabalho. Nela, as crianças expuseram suas obras de Arte para toda a comunidade escolar. Elas chegaram à instituição bem cedo e pareceram bastante ansiosas para o desfile. Como forma de descontração, a professora mostrou-lhes novamente as criações, contextualizando cada uma delas.

No desfile, as crianças levaram as obras produzidas por elas. Houve todo um envolvimento de funcionários, dos pais e da comunidade. Ao final, aconteceram elogios, o que resultou em gratificação pessoal, em alegria e em entusiasmo para se aprender.

Destaca-se que, no decorrer desse processo, o papel das professoras foi fundamental, pois elas foram mediadoras, instigando e estimulando a criança para que a mesma se sentisse desafiada a expressar seus pensamentos e sentimentos e, assim, desenvolvendo seu potencial e habilidades de compreender o mundo. Ferraz e Fusari (1999, p. 84) afirmam que “[...] quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e habilidades: do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar e do fazer da criança”. E é nessa perspectiva que, ao iniciar a pesquisa, foi realizado paralelamente um estudo com as professoras, referente ao ensino de Artes Visuais na Educação Infantil. O horário de estudo² foi pautado por:

- análise do ensino de Artes Visuais na Educação Infantil segundo RCNEI;
- estudo dos Vídeos Didáticos/Apostilas do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG;
- breve histórico sobre a História do Ensino de Artes no Brasil;

Vale destacar que, nos documentos estudados, fica clara a influência da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Esse fato constrói uma ponte entre o que é ensinado e as habilidades pretendidas no estímulo ao desenvolvimento das crianças.

Sobre isso, é válido apresentar um dos depoimentos das professoras envolvidas no processo:

_ Eu não acreditava que isso era possível: realizar aulas através de imagens de obras, de pintores! Pensava que as crianças não iriam entender. E como é interessante ver que elas todas estão envolvidas e compreendem o que está sendo ensinado...

Através do depoimento anterior, decidiu-se por realizar uma entrevista com as professoras do CEMEI Vereador Daniel Borges Núcleo Ana Neri, a fim de perceber qual a visão que elas possuem em relação ao ensino de Artes Visuais.

² Os (as) professores (as) que cumprem carga horária semanal de 40 horas realizam estudos diários na instituição, acompanhados pela pedagoga, somando 10 horas de estudo semanal.

Foram entrevistadas seis professoras da instituição, e todas demonstraram interesse em responder um questionário. O resultado foi o seguinte:

- Pergunta 1 – Em sua formação como docente, você teve acesso à disciplina sobre ensino de Artes Visuais? Relate.

Nessa questão, as seis professoras relataram ter o ensino de Artes Visuais na sua formação, porém, três disseram que o ensino teve “pouca ênfase nesta disciplina, não preparando o professor o suficiente para ser apto ao campo de Artes Visuais”. As outras três relataram que tiveram a disciplina em seu currículo, sendo importante para o desenvolvimento dos seus trabalhos.

- Pergunta 2 – O que você pensa sobre o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil?

Todas as entrevistadas consideram relevante o ensino de Artes visuais na Educação Infantil, mas, em nenhum momento, esse ensino foi citado ser importante como área do conhecimento. Uma das professoras acredita que o ensino de Artes Visuais é utilizado como meio e não como fim em si mesmo, o que permite o desenvolvimento da criatividade e a ampliação da visão cultural dos discentes. Quatro professoras pensam que o ensino de Artes Visuais é imprescindível para o desenvolvimento global das crianças, além de ajudá-las a ampliar sua visão de mundo. Por fim, uma única declara que o ensino de Artes Visuais possibilita a criança expressar suas vivências em formas de desenho, mostrando suas experiências com a realidade que a cerca.

- Pergunta 3 – Você acha que o professor da Educação Infantil precisa de formação em Artes Visuais? Comente.

As entrevistadas, em sua totalidade, acreditam que a formação em Artes Visuais é necessária ao professor da Educação Infantil, pois, é ele que media o conhecimento em sala de aula. Assim, quanto mais conhecimento acadêmico, maior a possibilidade de alcançar resultados satisfatórios no ensino, deixando as aulas mais prazerosas e criativas. Nesse aspecto, destaca-se que uma das entrevistadas

apontou que a formação acadêmica, específica em Artes Visuais, pode permitir que o professor seja capaz de refletir sua prática pedagógica e aplicar a Abordagem Triangular.

- Pergunta 4 – Como eram as aulas de Artes Visuais antes deste projeto? Dê exemplo.

Nessa pergunta, inferiu-se que as aulas, antes da aplicação do estudo dirigido, eram pautadas somente no “fazer”, e que os trabalhos eram realizados através da construção de brinquedos, utilizando sucatas; de murais; de desenhos; e de pinturas.

- Pergunta 5 – Como você percebe suas as aulas de Artes Visuais após o projeto, aplicando a Abordagem Triangular? Relate.

Após aplicar a Abordagem Triangular, as professoras relataram que o ensino ficou mais sistematizado, e que a aprendizagem se tornou mais significativa e efetiva. Elas consideraram a Abordagem importante, uma vez que o método leva a criança ao desenvolvimento do gosto, do cuidado, do respeito ao processo de produção e de criação. Além disso, evidenciou-se que com a triangulação, as crianças passaram a atribuir significações sobre como se faz, o que é e para que serve o conhecimento em Artes Visuais.

Observa-se que a realidade do CEMEI Vereador Daniel Borges não é a mesma encontrada na maior parte das escolas brasileiras, onde faltam salas apropriadas para o ensino de Artes Visuais. No caso da referida instituição, o próprio Projeto Político Pedagógico permite espaços estruturados, que priorizam o ensino de Artes Visuais.

Os professores do CEMEI Vereador Daniel Borges – Conveniada Ana Neri reconhecem a necessidade de uma formação mais aprofundada sobre a disciplina Artes Visuais. Nesse aspecto, descobre-se um descompasso entre a teoria e a prática, mesmo diante dos avanços que o ensino de Artes Visuais passou até a atualidade.

Segundo o CBC (2006, p.13):

[...] é necessário que o professor tenha uma base de conhecimentos que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, cabendo a ele criar situações de aprendizagens que promovam um ambiente rico, prazeroso e saudável, onde haja a promoção de experiências educativas e sociais variadas.

Portanto, não é só contendo a disciplina de Arte no currículo das escolas que a construção do conhecimento acontece. Tampouco, a formação de cidadãos, como se encontra em vários objetivos relacionados ao ensino de Arte. Faz-se necessária uma preocupação da forma como se concebe e ensina-se Arte, aliando a prática à teoria. Isso sim pode levar ao desenvolvimento de competências, de habilidades e de atitudes, indispensáveis ao processo de compreensão, de investigação e de contextualização histórico-social, que são relatados nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Conclusão

A utilização da Abordagem Triangular é de grande importância para o ensino de Artes Visuais, uma vez que o ser humano vive, na contemporaneidade, rodeado de imagens, que impõem valores, ideias, conceitos e comportamentos. Diante disso, a interpretação dos sujeitos receptores de tais imposições depende de sua competência em realizar leituras críticas e de seus repertórios.

No ensino de Artes Visuais, faz-se necessário que o professor/mediador promova experiências artísticas significativas, trabalhando atividades desafiadoras e motivadoras e despertando um conjunto de habilidades e de competências, que propiciam uma relação mais íntima e analítica com o fazer artístico.

O papel do professor é de ser um constante pesquisador e conhecedor das teorias e das práticas pedagógicas, pois, só assim, ele tem plenas condições para mediar o processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais. O que se comprova, através desta pesquisa, é que, mesmo possuindo o ensino de Artes Visuais na formação acadêmica, o docente nem sempre garante aos alunos uma orientação científica para lidar com as atividades. Logo, por não ter uma prática mais aprofundada na teoria, não tem possibilidade de aplicá-la.

Nesse aspecto, abre-se uma discussão referente ao ensino de Artes Visuais nos cursos de graduação, que prepara os educadores para a docência na Educação Infantil e para a formação continuada. Percebe-se, através dos questionários respondidos, certo descompasso entre teoria e prática educativa no ensino de Artes Visuais. Diante das respostas das entrevistadas, nota-se que elas não citaram, em nenhum momento, ter tido contato com a teoria de Abordagem Triangular, como a apresentada nesta pesquisa, sob a forma do “ver”, “fazer” e “contextualizar”. Mesmo as professoras que declararam ter vivenciado um ensino acadêmico em Artes Visuais, confirmaram a falta de conhecimento pedagógico dessa prática.

Nesse ponto, a formação continuada dos professores deve ser um processo contínuo e permanente de desenvolvimento profissional, capaz de possibilitar uma reflexão crítica sobre a prática educativa. A formação de professores vem sendo encarada como um dos mecanismos centrais de mudança educativa, desde 1950, quando ocorreu o Movimento das Escolinhas de Arte (MEA), com o intuito de

realizar cursos de formação inicial e continuada para os professores que atuavam nos anos iniciais de escolarização.

[...] desde a década de 1970, [...] já [se] alertava que mesmo com a reformulação de novas funções, de novos objetivos e métodos para o Ensino de Arte, este só obteria sucesso se houvesse a implementação de um programa de formação e atualização para os professores, seja no âmbito da formação inicial, seja no âmbito da formação continuada para aqueles que já atuam na sala de aula. (BARBOSA, 2010, p. 162)

A partir das palavras de Barbosa (2010), é que se justifica a escolha de se ter trabalhado o ensino de Artes Visuais infantil em instituição de ensino na cidade de Governador Valadares.

A aplicação de aulas pautadas na Abordagem Triangular foi a melhor forma encontrada para evidenciar este estudo. Tal afirmação leva à reflexão de que as aulas de Artes Visuais, embasadas em teorias específicas dessa disciplina, contextualizadas, objetivas, lúdicas e tendo o professor como mediador a todo instante, são uma alternativa para a efetivação do processo ensino/aprendizagem. A parte prática das aulas foi a que mais chamou a atenção dos envolvidos, os quais participaram ativamente do processo.

As crianças do estudo, ao serem indagadas sobre o que fizeram nas aulas aplicadas, responderam, prontamente, sobre a história das obras; seu pintor; e a pintura, possuindo um posicionamento crítico mediante as obras.

Observou-se, então, através dos relatos das professoras entrevistadas, que, após a união com a teoria da Abordagem Triangular, a prática do ensino se tornou mais sistematizada, favorecendo uma aprendizagem mais significativa.

Além disso, percebeu-se que as crianças se apresentaram mais envolvidas durante todo o processo, demonstrando o gosto, o cuidado e o respeito ao processo de produção e de criação ao desenvolver habilidades em Artes Visuais.

Esta pesquisa enfatizou ainda que é possível experimentar e produzir atividades variadas, usando materiais e técnicas simples, permitindo o contato dos alunos com diferentes culturas. Conforme demonstrado, produzir trabalhos por meio das técnicas de pintura não requer uso de equipamentos e de materiais de difícil

acesso. No caso da atividade aplicada no CEMEI Vereador Daniel Borges – Conveniada Núcleo Ana Neri, as obras utilizadas para embasar o trabalho foram pesquisadas e retiradas da Internet, sendo de fácil aquisição para todos os docentes.

O modelo pragmático, nesta pesquisa, foi substituído por outro em que o aluno, a todo o momento, motivou-se a desafios – respeitando, no entanto, suas peculiaridades, sua faixa etária e seu nível de desenvolvimento. A Abordagem Triangular (ver, fazer e contextualizar), proposta por Ana Mae Barbosa, foi aqui essencial.

O apreciar promoveu o diálogo da criança com sua própria produção e com a dos outros. O fazer proporcionou a autonomia infantil na produção de suas obras. E a contextualização favoreceu o conhecimento da História da Arte do objeto estudado.

Outro aspecto abordado se referiu à importância do ensino das Artes Visuais para a Educação Infantil diante a percepção do professor. Concluiu-se que a Arte Visual ainda se mostra desvalorizada por muitos da equipe educacional, embora conste no Projeto Político Pedagógico da referida instituição. Ocorreram também vestígios da historicidade do antigo ensino de Artes Visuais na instituição. Ao analisar a experiência de cada profissional em seu percurso como educando, percebeu-se que as aulas vivenciadas não foram significativas – não ultrapassando o simples fazer e/ou produzir trabalhos geométricos para decorações das datas festivas.

Porém, é válido destacar que, após os estudos realizados e as teorias aplicadas, houve maior reconhecimento das professoras em transformar as práticas atuais, pautadas apenas no fazer, em práticas embasadas nas teorias da Abordagem Triangular, eliminando rastros do ensino tradicional na atualidade. Assim, a Arte Visual foi vista como imprescindível ao desenvolvimento integral da criança, que amplia sua visão de mundo.

Segundo Barbosa (2002, p. 5):

Não é possível uma educação intelectual, formal ou não formal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento representacional que caracteriza a arte.

Depois da proposta aplicada e analisada no CEMEI Vereador Daniel Borges – Núcleo Ana Neri, identificou-se que a percepção das professoras, no que se refere à importância da qualificação profissional para o ensino de Artes Visuais, mudou. As docentes admitiram que as Artes Visuais é, realmente, uma área do conhecimento, essencial ao desenvolvimento global das crianças. Elas também acreditam ainda haver lacunas em suas práticas, as quais necessitam ser preenchidas/aprimoradas.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa não pretendeu esgotar a discussão sobre o ensino de Artes na Educação Infantil, mas, evidenciar as metodologias de trabalho propostas, a fim de conscientizar sobre a importância de se fomentar novas discussões.

REFERENCIAS

ANTUNES, Celso. *Educação Infantil*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

AROEIRA, Maria L. Campos; SOARES, Maria I. B; MENDES, Rosa E. de A. *Didática de pré-escola/ Vida Criança: Brincar e aprender*. São Paulo: FTD, 1996.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. *Mudanças na Arte/Educação*. Disponível em: <<http://texsituras.files.wordpress.com/2010/04/anamae.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da Educação Artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRASIL. *Conteúdo Básico Comum (CBC)*. Proposta Curricular do Estado de Minas Gerais, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. ARTE. Brasília: MEC/SEF, 1997, v. 6.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Formação Pessoal e Social. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Formação Pessoal e Social. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.

COUTINHO, Rejane. A formação do professor de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: _____. *Educação Infantil: a creche, um bom começo*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 2001. p. 11-28, v. 18, n. 73.

EFLAND, Arthur. Arte e cognição: Teoria e aprendizagem para uma época pós-moderna. In: *Curso/ Encontro: A compreensão do prazer da Arte*. SESC – Vila Mariana, São Paulo, 1998.

FERRAZ, M.H. C. de T; FUSARI, M. F. de R. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1999.

GOUTHIER, Juliana; KOLB, Rosvita. O que queremos com a Arte?. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas (Org.). *Múltiplas linguagens e formas de interação da criança com o mundo natural e social II: corporeidade, artes e música*. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2009. 62 p.

SMED. Secretaria Municipal de Educação. **Escola de tempo Integral**. Caderno de diretrizes Curriculares da Prefeitura de Governador Valadares, Minas Gerais. 2009. Caderno 1.

Anexo I



Figura 01

Figura 1 – criança pintando obra baseada na “Figura de uma galinha” de Joan Miró



Figura 02

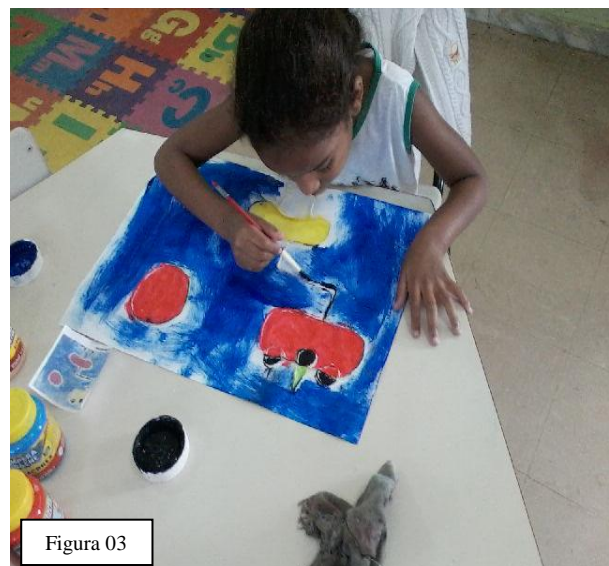


Figura 03

Figura 2 e 3 – criança finalizando a pintura baseada na obra “Figura de uma galinha” de Joan Miró.



Figura 04

Figura 4 - criança demonstrando a pintura baseada na obra “Figura de uma galinha” de Joan Miró.

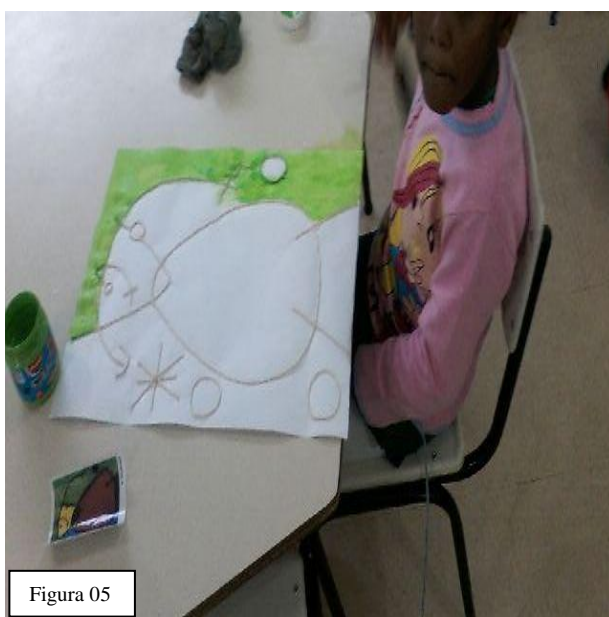


Figura 05



Figura 06

Figura 5 e 6 – criança realizando uma pintura baseado na obra de Joan Miró “Daybreak”.



Figura 07

Figura 7 – criança realizando uma pintura baseado na obra de Joan Miró “Daybreak”.



Figura 08

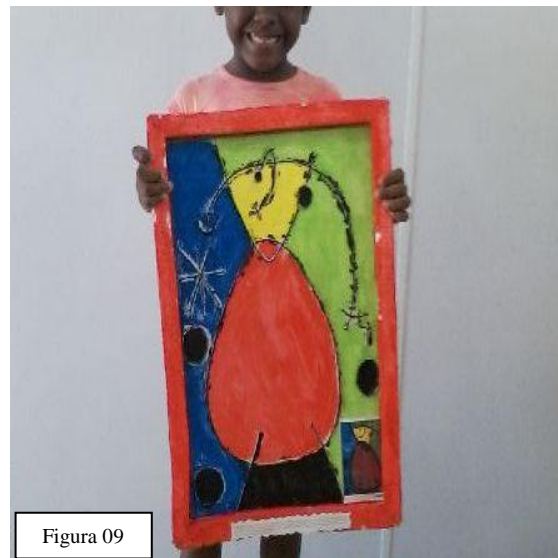


Figura 09

Figura 08 e 09 – criança finalizando obra baseada na obra de Joan Miró “Daybreak”



Figura 10

Figura 10 – criança realizando pintura baseada na obra de Joan Miró “*The Dancer*” (a dançarina e/ou a bailarina).



Figura 11

Figura 11 – criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró “*The Dancer*” (a dançarina e/ou a bailarina).



Figura 12

Figura 12 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró *"Personaje delante del sol"* (figura na frente do sol).



Figura 13

Figura 13 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró *"Sonnens"*.



Figura 14

Figura 14 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró *"Mujer ante el sol"* (mulher perante o sol).



Figura 15

Figura 15 - criança demonstrando pintura finalizada baseada na obra de Joan Miró *"Autorretrato"*.



Figura 16

Figura 16 – desfile realizado no dia 03 de setembro de 2013 em comemoração a Independência do Brasil e culminância do projeto.



Figura 17

Figura 17 – desfile com crianças da turma do 5 anos D expondo as obras pintadas para a comunidade.